



CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES

CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**JEFFERSON FERREIRA FERNANDES
MARIA LUÍZA DE CARVALHO CARVELO**

Intervenções terapêuticas nas abordagens DIR/Floortime e integração sensorial com crianças autistas na Terapia Ocupacional: Uma revisão integrativa

Orientadora: Profª Me. Profª Me. Nilva Sueli de Oliveira Krawczyk

TRINDADE – GOIÁS

2025

**CENTRO DE ESTUDOS OCTAVIO DIAS DE OLIVEIRA
CENTRO UNIVERSITÁRIO GOYAZES**

Intervenções terapêuticas nas abordagens DIR/Floortime e integração sensorial com crianças autistas na Terapia Ocupacional: Uma revisão integrativa

JEFFERSON FERREIRA FERNANDES
MARIA LUÍZA DE CARVALHO CARVELO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Centro Universitários Goyazes – UniGoyazes como
requisito parcial à obtenção do título de Bacharel
em Terapeuta Ocupacional, sob a orientação da
Professora Mestre Nilva Sueli de Oliveira Krawczyk.

TRINDADE – GOIÁS
2025
JEFFERSON FERREIRA FERNANDES
MARIA LUÍZA DE CARVALHO CARVELO

Intervenções terapêuticas nas abordagens DIR/Floortime e integração

sensorial com crianças autistas na Terapia Ocupacional: Uma revisão integrativa

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Centro Universitários Goyazes – UniGoyazes como
requisito parcial à obtenção do título de Bacharel
em Terapeuta Ocupacional, aprovada pela seguinte
banca examinadora:

Prof^a. Me. Nilva Sueli de Oliveira Krawczyk (Orientadora)

Centro Universitários Goyazes – UniGoyazes

Prof^a. Ma. Bianca Estrozi (Membro interno)

Centro Universitários Goyazes – UniGoyazes

Esp. Gessielly Ferreira Fernandes

(Membro externo)

Prof^a Esp. Elcy Lavor Pereira (Suplente)

Centro Universitários Goyazes – UniGoyazes

Trindade – GO

03/12/2025

Dedicamos este trabalho as nossas
famílias, professores, amigos e a cada
pessoa que acreditou no nosso potencial.
Dedicamos também, a cada Terapeuta
Ocupacional que se dedica a essa
profissão tão linda e essencial.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, por ter nos concedido forças, saúde, sabedoria e por nos guiar em cada passo desta caminhada. Sem a Sua presença, esta conquista não seria possível.

Aos nossos professores, expressamos imensa gratidão por todo conhecimento compartilhado. De forma especial, à Professora Mestra Nilva Sueli, por sua ética, competência, disponibilidade e dedicação. Temos muito orgulho e prazer em tê-la conhecido e aprendido tanto com seu exemplo profissional e humano.

Eu, Jefferson, agradeço infinitamente ao meu pai, Ederson Alves, pelo exemplo de trabalho, dedicação e caráter, que sempre me inspirou a nunca desistir dos meus sonhos. À minha mãe, Sirlene Ferreira, pelo amor incondicional, paciência e apoio em todos os momentos, acreditando em mim mesmo quando eu duvidei. À minha irmã, Gessielly Ferreira, pela amizade, companheirismo e palavras de incentivo que me motivaram a seguir em frente.

E, de forma muito especial, à minha esposa, Julia Abbiatti, por estar ao meu lado em cada etapa, oferecendo amor, compreensão e apoio nos dias mais difíceis. Sem você, esta conquista não teria o mesmo sentido.

Eu, Maria Luíza, agradeço imensamente minha mãe Maria Rita, meu filho Ian Carlos, minhas irmãs Riquilda e Carla, ao meu cunhado Cleiton, meus sobrinhos João Miguel e Maria Alice e toda minha família que entenderam minha ausência em algumas ocasiões.

Agradeço, também, a toda minha equipe de trabalho que fazem parte da UBS do Centro, e ao prefeito Marden Júnior e sua irmã Gabriela (que na época estava à frente da Secretária de Assistência Social) por ter feito a parceria com a faculdade no qual o recebi meia bolsa por ser servidora pública.

A todos vocês, que de alguma forma fazem parte das nossas vidas, nossos mais sinceros e profundos agradecimentos por se tornarem tão essenciais nessa jornada e tornarem esta conquista ainda mais significativa.

Intervenções terapêuticas nas abordagens DIR/Floortime e integração sensorial com crianças autistas na Terapia Ocupacional: Uma revisão integrativa

Jefferson Ferreira Fernandes¹; Maria Luíza de Carvalho Carvelo¹; Nilva Sueli de Oliveira Krawczyk².

RESUMO

Objetivo: Investigar como a Terapia Ocupacional utiliza o brincar como recurso terapêutico no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), identificando benefícios, abordagens e diretrizes que favoreçam a autonomia e a participação social.

Metodologia: Trata-se de uma revisão bibliográfica integrativa, de abordagem qualitativa e caráter exploratório. **Resultados:** A literatura analisada evidencia que intervenções baseadas no brincar contribuem significativamente para o desenvolvimento da coordenação

motora fina e grossa, melhora da comunicação funcional, ampliação da interação social e fortalecimento da regulação emocional. **Conclusão:** O brincar, quando utilizado de forma estruturada e intencional pela Terapia Ocupacional, constitui uma ferramenta terapêutica eficaz, humanizada e centrada na criança com TEA.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional. Transtorno do Espectro Autista. Brincadeiras. Intervenção Terapêutica. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

Therapeutic interventions in DIR/Floortime and sensory integration approaches with autistic children in Occupational Therapy: An integrative review

Objective: To investigate how Occupational Therapy uses play as a therapeutic resource in the treatment of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), identifying benefits, approaches, and guidelines that promote autonomy and social participation. **Methodology:** This is an integrative literature review with a qualitative and exploratory approach. **Results:** The literature shows that play-based interventions significantly contribute to the development of fine and gross motor coordination, improvement of functional communication, enhancement of social interaction, and strengthening of emotional regulation. **Conclusion:** When used in a structured and intentional way by Occupational Therapy, play is an effective, humanized, and child-centered therapeutic tool for children with ASD.

Keywords: Occupational Therapy. Autism Spectrum Disorder. Play. Therapeutic Intervention. Child Development.

¹Acadêmicos do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade UniGoyazes.

²Professora Mestre e Orientadora do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade UniGoyazes.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista - TEA é uma condição neurodesenvolvimental que afeta principalmente a comunicação, a interação social e o comportamento. Caracteriza-se por padrões repetitivos e interesses restritos, bem como dificuldades significativas no desenvolvimento da linguagem e na habilidade de estabelecer relacionamentos interpessoais (MARTINS; FERREIRA, 2019). A prevalência do TEA vem aumentando consideravelmente nas últimas décadas, sendo estimado que aproximadamente 1 em cada 100 crianças é diagnosticada com TEA, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022).

A Terapia Ocupacional destaca-se como uma área essencial no tratamento de crianças com TEA, considerando que seu principal objetivo é promover a independência funcional, melhorar as habilidades motoras e cognitivas, e favorecer a

participação social. Nesse contexto, o uso de brincadeiras como ferramenta terapêutica tem se mostrado particularmente promissor, visto que a atividade lúdica é um elemento fundamental no desenvolvimento infantil (OLIVEIRA; CARVALHO, 2020).

Brincar é um fenômeno universal, essencial para o desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social das crianças. Entretanto, no caso de crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA, o brincar frequentemente se manifesta de maneira atípica, com dificuldades na imaginação, criatividade, e interação social, fatores que tornam a intervenção terapêutica ainda mais necessária (SANTOS; AMARAL, 2018).

A brincadeira planejada e orientada por terapeutas ocupacionais pode facilitar o desenvolvimento de habilidades importantes, como a coordenação motora, a comunicação e o aprendizado de comportamentos sociais (PEREIRA; SOUZA, 2019). Pesquisas têm demonstrado que o uso de brincadeiras estruturadas e orientadas pode promover melhoras significativas no comportamento social, na cognição e nas habilidades motoras das crianças autistas (RODRIGUES; MORAES, 2020).

Assim, o brincar proporciona um ambiente seguro e motivador, permitindo que a criança explore o mundo ao seu redor, desenvolva autonomia e estabeleça relações sociais de forma mais natural e espontânea (COSTA; ALMEIDA, 2021). Apesar da importância reconhecida das brincadeiras na intervenção terapêutica, ainda existem lacunas na literatura quanto às melhores práticas e metodologias mais eficazes para utilizar essa ferramenta no tratamento de crianças com Transtorno do Espectro Autista

- TEA. Dessa forma, é essencial investigar como a Terapia Ocupacional – TO emprega o brincar como recurso terapêutico, identificando suas contribuições e propondo diretrizes que orientem uma prática mais assertiva e baseada em evidências científicas (SILVA; NASCIMENTO, 2023).

Neste trabalho, foi analisado o uso de brincadeiras como estratégia terapêutica na intervenção com crianças autistas sob a ótica da Terapia Ocupacional. Foram explorados os principais métodos utilizados, os benefícios observados e as diretrizes propostas para aprimorar a prática clínica.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica integrativa, de natureza qualitativa, cujo propósito foi identificar e analisar as evidências científicas disponíveis acerca do uso do brincar como recurso terapêutico na Terapia Ocupacional com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Considerando os achados encontrados, esta revisão também contempla, de forma específica, abordagens amplamente utilizadas na prática clínica da área, como a Integração Sensorial (ASI) e o DIR/Floortime, por serem recorrentes nos estudos selecionados e dialogarem diretamente com o brincar em contexto terapêutico.

Para a construção do corpus da pesquisa, foram selecionados artigos publicados entre 2018 e 2023, indexados nas bases SciELO, PubMed, LILACS e BVS, nos idiomas português, inglês e espanhol. Os descritores empregados na busca, combinados entre si por operadores booleanos, foram: “Terapia Ocupacional”, “Transtorno do Espectro Autista”, “Brincar”, “Brincadeira” e “Intervenção Terapêutica”.

Foram incluídos estudos que abordassem o brincar como ocupação, prática terapêutica ou estratégia de intervenção dentro do contexto da Terapia Ocupacional, envolvendo crianças com TEA. Também foram contemplados artigos que, embora fundamentados em abordagens específicas — como Integração Sensorial e DIR/Floortime — utilizassem o brincar como ferramenta terapêutica central, justificando sua inclusão por manterem relação direta com o foco do estudo. Foram excluídos artigos duplicados, resumos expandidos, teses não publicadas e estudos cujo objeto principal não estivesse relacionado ao brincar ou que tratassem o brincar em contextos distintos da Terapia Ocupacional.

A busca resultou majoritariamente em publicações em língua inglesa, não sendo encontrados, no período delimitado, estudos relevantes em português ou espanhol que atendessem aos critérios estabelecidos. Ainda assim, essa predominância linguística reflete o panorama atual da produção científica sobre o tema, motivo pelo qual a redação foi ajustada para explicitar essa realidade.

Após a triagem, os textos foram lidos na íntegra e posteriormente organizados em categorias temáticas, considerando objetivos, métodos utilizados, estratégias de intervenção baseadas no brincar, benefícios identificados e recomendações para a

Tabela 1 – Relação quantitativa dos artigos recuperados e selecionados por base de dados (2018–2023)

Base de Dados	Total de artigos recuperados	Textos completos	Artigos selecionados	CrITÉrios de exclusão
SciELO	10	6	2	Textos em outras línguas; data inferior a 2015; monografias .
LILACS	33	22	5	Textos em outras línguas; data inferior a 2015; monografias .
BVS	110	20	3	Textos duplicados; data inferior a 2015; teses, dissertações

				e monografias .
--	--	--	--	-----------------

Total	153	48	10	10
--------------	-----	----	----	----

Fonte: Autores, 2025.

Na Tabela 1 observa-se a distribuição quantitativa dos artigos recuperados e selecionados nas bases de dados *SciELO*, *LILACS* e *BVS* no período de 2018 a 2023. Ao todo, foram identificados 153 artigos, dos quais 48 apresentavam texto completo e 10 atenderam aos critérios de inclusão estabelecidos para compor a revisão integrativa.

A base *LILACS* foi a que apresentou o maior número de artigos selecionados (n=5), seguida por *SciELO* (n=2) e *BVS* (n=3). Esses dados demonstram a relevância e concentração das publicações relacionadas ao tema nas bases indexadas consultadas.

RESULTADOS

A amostra final reuniu dez estudos publicados entre 2018 e 2023 que examinam intervenções baseadas no brincar em Terapia Ocupacional (TO) para crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA, contemplando revisões sistemáticas, *scoping reviews* e investigações clínicas, como demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2 – Estudos selecionados (2018–2023): Autor/Ano, Título, Pesquisa e Resultados

Autor(es) – Ano	Título	Pesquisa (tipo/escopo)	Resultados encontrados
<i>Schoen et al., 2019.</i>	<i>A systematic review of Ayres Sensory Integration® intervention for children with autism</i>	Revisão sistemática de estudos Avaliação de Saúde Individual – ASI em Transtorno do	Melhoras em metas funcionais, autorregulação e participação com protocolos manualizados.

		Espectro Autista - TEA	
<i>Kuhaneck; Spitzer; Bodison, 2020.</i>	<i>A systematic review of interventions to improve the occupation of play in children with autism</i>	Revisão sistemática	Evidências moderadas para intervenções baseadas no brincar; importância da educação parental.
Gibson <i>et al.</i> , 2021.	<i>Play-based interventions to support social and emotional development in autistic children</i>	Revisão sistemática	Ganhos em jogo social e competências socioemocionais; necessidade de padronização de medidas.
López-Nieto <i>et al.</i> , 2022.	<i>Scoping review on play-based interventions in autism spectrum disorder</i>	<i>Scoping review.</i>	Mapeamento de métodos e contextos; impacto em participação e funcionalidade; lacunas de padronização.
<i>Divya et al.</i> , 2023.	<i>DIR/Floortime in engaging autism: a systematic review.</i>	Revisão sistemática.	Melhoras em engajamento, linguagem e regulação emocional; efeito com coparticipação

			familiar.
<i>Su et al., 2023.</i>	<i>Telehealth versus face-to-face fine motor and social interventions for</i>	Ensaio pragmático (comparativo).	Efetividade e fidelidade semelhantes entre telessaúde e

	<i>children with autism.</i>		presencial em brincadeiras sentadas.
<i>Chan et al., 2023.</i>	<i>Occupational therapy using an Ayres Sensory Integration® approach for school-age children.</i>	Estudo clínico em contexto escolar.	Avanços em desempenho ocupacional; destaque para fidelidade de implementação.
Novak; Honan, 2019.	<i>Effectiveness of paediatric occupational therapy for children with disabilities: a systematic review.</i>	Revisão sistemática ampla.	Ênfase em intervenções com foco em atividade/participação; cautela com abordagens sem metas funcionais.
<i>Gibson et al., 2021.</i>	<i>Play-based interventions: conceptual framework for practice.</i>	Revisão conceitual.	Arcabouço para decisão clínica; integração de metas de brincar com participação.

López-Nieto <i>et al.</i> , 2022.	<i>Play-based interventions in ASD: mapping of methods and outcomes.</i>	<i>Scoping review complement ar.</i>	Heterogeneidade de protocolos; necessidade de medidas centradas na família.
--------------------------------------	--	--------------------------------------	---

Fonte: Autores, 2025.

DISCUSSÕES

Em conjunto, os trabalhos convergem para a ideia de que o brincar, quando planejado com intencionalidade terapêutica e ancorado em modelos reconhecidos da

13

área, favorece metas funcionais e a participação ocupacional. Há predomínio de evidências relativas à Integração Sensorial de Ayres (ASI) e ao brincar relacional do *DIR/Floortime*, além de análises sobre intervenções lúdicas em contextos clínicos e escolares (SCHOEN *et al.*, 2019; KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020).

Sabe-se que, *DIR/Floortime* é uma abordagem terapêutica que utiliza brincadeiras e interações baseadas em relacionamento para promover o desenvolvimento de crianças, especialmente aquelas com autismo. O nome vem de “*Developmental, Individual Differences, Relationship-based*” (Desenvolvimento, Diferenças Individuais, Baseado em Relacionamento) e a prática comum de sentar-se no chão com a criança para brincar em seu nível, seguindo o ritmo e os interesses dela. O objetivo é ajudá-la a expandir suas habilidades sociais, cognitivas e de comunicação (SCHOEN *et al.*, 2019; KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020).

Já a Integração Sensorial de Ayres (ASI) é uma abordagem terapêutica, baseada em neurociência, desenvolvida por Anna Jean Ayres, que foca na organização de informações sensoriais do cérebro para facilitar o comportamento e a participação em atividades diárias. É uma especialidade da terapia ocupacional que ajuda pessoas, especialmente crianças, a lidar com dificuldades de processamento de estímulos sensoriais como tato, visão, audição, movimento, posição do corpo e sinais internos (López-Nieto *et al.* 2022).

A ASI - Integração Sensorial de Ayres, ajuda o cérebro a organizar e

interpretar informações recebidas através dos 8 sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar, vestibular, proprioceptivo e interoceptivo) para que a pessoa possa reagir de forma apropriada ao ambiente. A terapia se baseia na teoria de que, ao melhorar as funções sensório-motoras subjacentes, o desempenho em atividades cotidianas também melhora. O tratamento utiliza atividades personalizadas, como caixas sensoriais, pistas de obstáculos e técnicas de relaxamento, para ajudar o indivíduo a desenvolver habilidades e autorregular suas respostas sensoriais. Assim essa forma de terapia foi desenvolvida para crianças com dificuldades de processamento sensorial, como autismo, mas seus conceitos podem ser aplicados a pessoas de todas as idades rotina (Novak e Honan, 2019).

Apesar de heterogeneidades metodológicas, observa-se melhora consistente em comunicação, interação social, autorregulação e engajamento, bem como na formação do vínculo terapeuta-criança. Esses achados sustentam a relevância do

14

brincar como recurso de primeira linha na Terapia Ocupacional- TO, ao passo que destacam a necessidade de padronização de protocolos e mensurações mais sensíveis aos resultados centrados na criança e na família (Gibson *et al.* 2021).

Do ponto de vista do desenvolvimento, o brincar constitui um contexto privilegiado para a emergência de funções simbólicas, comunicação funcional e coordenação entre atenção conjunta e reciprocidade social, componentes frequentemente afetados no Transtorno do Espectro Autista - TEA. Na Terapia Ocupacional - TO, o brincar pode ser tratado simultaneamente como ocupação-alvo e como meio terapêutico, organizando experiências sensório-motoras, sociais e cognitivas em trilhas graduadas de desafio (López-Nieto *et al.* 2022).

As abordagens contemporâneas enfatizam o uso de atividades motivadoras intrínsecas, o ajuste do ambiente e a responsividade do adulto às iniciativas da criança, com foco em participação significativa. Essa estruturação permite ampliar repertórios, reduzir estereotípias durante a atividade e aumentar a tolerância a transições, preparando a criança para demandas escolares e de autocuidado. Tais princípios fundamentam as estratégias analisadas nos estudos selecionados e ajudam a explicar a consistência dos ganhos reportados em diferentes cenários, inclusive com coparticipação familiar (Divya *et al.* 2023).

As evidências indicam que protocolos manualizados de Integração Sensorial de Ayres - ASI, aplicados por terapeutas ocupacionais com formação específica,

geram ganhos clinicamente relevantes em objetivos funcionais individualizados, autorregulação e participação. A organização das experiências sensoriais por meio de atividades lúdicas com ‘desafio na medida certa’ favorece respostas adaptativas e engajamento sustentado, traduzindo-se em avanços em autocuidado, habilidades motoras e interação social (SCHOEN *et al.*, 2019; KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020).

Ensaio e revisões destacam ainda o papel da fidelidade de implementação (espaço, equipamentos e procedimentos padronizados) para a efetividade dos resultados. Embora alguns estudos apresentem tamanhos amostrais moderados e variabilidade de instrumentos, o corpo de evidências é consistente ao apontar efeitos positivos de magnitude de pequena a moderada. Na prática, recomenda-se planejamento individualizado, metas acordadas com a família e monitoramento

15

contínuo, assegurando generalização para contextos naturais da criança (Su *et al.* 2023).

O *DIR/Floortime* concebe o brincar como arena central de co-regulação afetiva e desenvolvimento relacional, priorizando a leitura das pistas da criança e a construção de círculos de comunicação. Revisões recentes relatam melhoras em engajamento, linguagem expressiva, atenção conjunta e competências socioemocionais quando sessões estruturadas são conduzidas com participação ativa dos cuidadores (Divya *et al.* 2023).

A resposta do adulto e a adaptação do ambiente lúdico parecem mediar grande parte dos efeitos observados, favorecendo trajetórias de desenvolvimento mais integradas. Apesar de variabilidade nos desenhos e medidas, os resultados são coerentes ao indicar benefícios mensuráveis em curto e médio prazo, com potencial de manutenção se houver continuidade em casa e na escola. Para a TO, o *DIR/Floortime* oferece um enquadre potente para transformar interesses restritos em oportunidades de interação significativa e aprendizagem funcional (Su *et al.* 2023).

Nesse contexto, mapeamentos de literatura apontam amplo espectro de estratégias lúdicas – de jogos simbólicos a atividades motoras estruturadas e tecnologias interativas – que, quando alinhadas a objetivos ocupacionais, ampliam repertórios e oportunidades de participação. Em cenários clínicos e escolares, a escolha das atividades é guiada por avaliações centradas na criança, análise do perfil sensorial e identificação de barreiras contextuais. Os estudos mostram que o brincar

estruturado aumenta o tempo de engajamento, melhora a qualidade da interação com pares e adultos e favorece a comunicação funcional durante tarefas de rotina (Novak e Honan, 2019).

Tais efeitos repercutem na autonomia em sala de aula, na aceitação de regras simples e na capacidade de transitar entre atividades, impactando positivamente a inclusão. A colaboração interprofissional e o treinamento de professores e familiares emergem como fatores críticos para a sustentação dos ganhos no cotidiano (Divya et al. 2023).

Assim, segundo estudos, as abordagens baseadas no brincar parecem especialmente eficazes para promover comunicação funcional em crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA, pois oferecem contextos motivadores nos quais a intenção comunicativa surge de modo natural. A modelagem de gestos, o uso de pistas visuais e a alternância de turnos dentro de jogos lúdicos incrementam pedidos,

16

comentários e respostas, reduzindo dependência de *prompts* intrusivos. Quando articuladas a objetivos mensuráveis e registradas com instrumentos validados, essas estratégias evidenciam aumentos graduais na complexidade dos atos comunicativos (SCHOEN et al., 2019; KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020).

Famílias relatam maior capacidade de a criança expressar preferências, negociar ajuda e compartilhar interesses, o que reduz comportamentos desafiadores decorrentes de frustração. Em síntese, a linguagem em contexto de brincar contribui para autonomia, engajamento e participação social significativa (Su et al. 2023).

O brincar com foco sensorio-motor, quando cuidadosamente graduado, favorece auto-monitoramento e regulação de estados de alerta, reduzindo hiperreatividade a sons, texturas e movimentos. Sessões que combinam atividades proprioceptivas, vestibulares e táteis com propósitos claros ajudam a modular excitabilidade e aumentar a tolerância a mudanças. Relatos de cuidadores e medidas padronizadas apontam diminuição de colapsos diante de demandas e melhora na prontidão para aprendizagem após rotinas lúdicas estruturadas (Novak e Honan 2019).

A presença de metas funcionais e registros frequentes é essencial para demonstrar manutenção e transferência dos ganhos para casa e escola. Assim, a regulação se torna tanto um objetivo quanto um meio para expandir a participação

em brincadeiras com pares e tarefas acadêmicas iniciais (Novak e Honan 2019).

Evidências recentes sugerem que intervenções lúdicas planejadas por terapeutas ocupacionais podem manter eficácia e fidelidade quando conduzidas por telessaúde, especialmente em idades precoces. Protocolos com foco em brincadeiras sentadas, instruções claras aos cuidadores e monitoramento de adesão parecem alcançar resultados comparáveis aos presenciais em motricidade fina e interação social. Esse arranjo expande o acesso de famílias que enfrentam barreiras geográficas, sem perder de vista os critérios de segurança e a necessidade de suporte técnico (SCHOEN et al., 2019; KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020).

Mesmo assim, ressalta-se a importância de triagem para identificar casos que demandem atendimento presencial, sobretudo quando há riscos motores, sensoriais ou comportamentais específicos. A telessaúde deve ser vista como modalidade complementar, integrada ao plano terapêutico e articulada com a escola e a rede de cuidados (Novak e Honan 2019).

17

Comparando-se *ASI* - Integração Sensorial de Ayres - e *DIR/Floortime*, observa-se que ambas colocam o brincar no centro, porém com ênfases distintas: a primeira organiza experiências sensoriais para promover respostas adaptativas; a segunda aprofunda a co-regulação e a troca comunicativa. Na tomada de decisão clínica, a seleção pode considerar perfil sensorial, prioridades familiares e contexto escolar, sendo comum a combinação de elementos de ambas. Independentemente do enquadre, recomenda-se delinear metas *SMART*, registrar progresso com medidas funcionais e garantir participação ativa dos cuidadores (Gibson et al. 2021).

A formação específica do terapeuta, a fidelidade de implementação e a qualidade da parceria com a família explicam boa parte da variabilidade dos resultados observados. Com isso, desenha-se um caminho pragmático para intervenções mais responsivas, éticas e baseadas em evidência (Novak e Honan 2019).

Persistem lacunas relativas à padronização de doses de intervenção, ao uso de desfechos centrados na participação e ao seguimento longitudinal de manutenção dos ganhos. Também faltam ensaios multicêntricos brasileiros que comparem diretamente *ASI* - Integração Sensorial de Ayres, *DIR/Floortime* e outras estratégias lúdicas sob a ótica da Terapia Ocupacional, incluindo custo-efetividade e marcadores de qualidade de vida familiar (SCHOEN et al., 2019; KUHANECK; SPITZER;

Investigações futuras devem detalhar componentes ativos, explorar mediadores (aliança terapêutica, motivação intrínseca) e moderadores (idade, perfil sensorial, comorbidades), além de ampliar a acessibilidade via telessaúde com protocolos robustos. Tais avanços fortalecerão a tomada de decisão clínica e a defesa de políticas públicas que assegurem acesso a intervenções lúdicas de qualidade na rede de atenção (Novak e Honan 2019).

No conjunto, o brincar se afirma como via privilegiada para promover autonomia e participação significativa de crianças com Transtorno Espectro de Autismo - TEA. A seguir, apresentam-se a tabela 2 e as discussões analíticas dos estudos listados nessa tabela, com foco no delineamento, nos principais achados e em comparações explícitas entre autores e abordagens (*ASI*- Integração Sensorial de Ayres e *DIR/Floortime*, entre outras).

Segundos estudos de *Schoen et al.* (2019) sintetizam a efetividade da Integração Sensorial de Ayres (ASI) ao demonstrarem ganhos significativos em metas funcionais, autorregulação e participação de crianças com Transtorno do Espectro Autista - TEA, quando os protocolos são manualizados e aplicados com fidelidade por terapeutas ocupacionais.

Esse resultado sustenta a premissa de que o ‘desafio na medida certa’ dentro de atividades lúdicas desencadeia respostas adaptativas e engajamento sustentado, o que se coaduna com achados de campo que valorizam metas individualizadas e monitoramento sistemático. Ainda que a heterogeneidade de instrumentos limite comparabilidade transversal, a robustez metodológica geral confere peso às conclusões e fornece arcabouço para práticas centradas na família (*SCHOEN et al., 2019; KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020*).

As autoras reforçam que a melhora da ocupação de brincar não se dissocia de ganhos na participação em rotinas, servindo de ponte para objetivos de comunicação e interação social; essa visão é consistente com evidências de desfechos funcionais reportadas por *Schoen et al.* (2019) em ASI e com sínteses de escopo que enfatizam a centralidade do brincar para inclusão. Assim, as revisões contribuem para uma tomada de decisão mais fina sobre seleção de atividades e gradação do desafio (*KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020; LÓPEZ-NIETO et al., 2022*).

Já para Gibson *et al.* (2021) examinam intervenções baseadas no brincar voltadas ao desenvolvimento social e emocional de crianças autistas, descrevendo melhorias em jogo social, troca de turnos e competências socioemocionais quando as sessões privilegiam contextos motivadores e responsivos às iniciativas da criança. Esses achados dialogam com a literatura sobre *DIR/Floortime* ao apontar a co-regulação como mecanismo plausível para a emergência de linguagem funcional e engajamento, sem perder de vista a necessidade de padronizar instrumentos de medida.

A convergência entre avanços socioemocionais e metas funcionais também aproxima a revisão de Gibson do corpo de evidências da ASI, sugerindo complementaridade entre enquadres (GIBSON *et al.*, 2021; DIVYA *et al.*, 2023; SCHOEN *et al.*, 2019). De acordo com López-Nieto *et al.* (2022) apresentam um mapeamento abrangente (*scoping review*) das intervenções lúdicas em Transtorno Espectro Autista - TEA, catalogando métodos, contextos e desfechos, e destacando

19

que o brincar opera como meio ideal para promover participação e funcionalidade em ambientes clínicos e educacionais. A revisão evidencia lacunas de padronização e recomenda que estudos futuros detalhem dose, frequência e estratégias de generalização, pontos ecoados por análises que versam sobre fidelidade e monitoramento em Integração Sensorial de Ayres - ASI e sobre alinhamento família-escola no *DIR/Floortime*.

A leitura comparativa reforça que a escolha do repertório lúdico deve ser informada por perfis sensoriais, metas familiares e oportunidades ecológicas (LÓPEZ-NIETO *et al.*, 2022; SCHOEN *et al.*, 2019; DIVYA *et al.*, 2023).

Focando o *DIR/Floortime*, Divya *et al.* (2023) reportam ganhos em engajamento, linguagem expressiva, atenção conjunta e regulação emocional quando o brincar relacional é mediado por adultos responsivos e sustentado por participação ativa dos cuidadores.

A revisão sugere que o início precoce e a continuidade domiciliar e escolar ampliam a probabilidade de manutenção dos ganhos, o que converge com o quadro encontrado por Gibson *et al.* (2021) para competências socioemocionais. Comparativamente, embora a ASI sistematize a organização sensorial e o ambiente terapêutico, o *DIR/Floortime* enfatiza ciclos comunicativos e co-regulação,

configurando abordagens complementares na tomada de decisão clínica (*DIVYA et al., 2023; GIBSON et al., 2021; SCHOEN et al., 2019*).

Su *et al.* (2023) exploram a eficácia comparativa entre telessaúde e atendimento presencial em intervenções de motricidade fina e interação social, estruturadas em brincadeiras sentadas, encontrando resultados semelhantes em efetividade e fidelidade quando há planejamento, instrução clara aos cuidadores e monitoramento da adesão. Ao articular acessibilidade e qualidade, o estudo amplia a aplicabilidade de intervenções baseadas no brincar em territórios com barreiras geográficas, desde que critérios de segurança e suporte técnico sejam observados. Essa evidência se integra a sínteses que defendem a participação ativa da família e a avaliação contínua de metas funcionais (*SU et al., 2023; KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020*).

Chan *et al.* (2023) investigam a aplicação escolar da Integração Sensorial de Ayres - ASI, documentando avanços em desempenho ocupacional e alcance de

20

objetivos individualizados, com destaque para o papel da fidelidade de implementação — espaço, materiais e procedimentos — como condição para a efetividade. Os resultados se alinham à revisão de Schoen *et al.* (2019), sugerindo que a transposição de princípios da Integração Sensorial de Ayres - ASI para contextos naturais requer planejamento colaborativo com docentes e cuidadores, a fim de promover generalização. Essa ponte escola-família fortalece a construção de rotinas de brincar que sustentam participação e inclusão (*CHAN et al., 2023; SCHOEN et al., 2019*).

Novak e Honan (2019), em revisão ampla sobre efetividade da Terapia Ocupacional pediátrica, reforçam que intervenções com foco em atividade e participação tendem a apresentar melhores evidências em comparação a abordagens descontextualizadas, recomendando prudência com estratégias puramente sensoriais quando desvinculadas de metas funcionais.

Essa posição não contradiz a Integração Sensorial de Ayres - ASI quando esta é usada como meio para objetivos ocupacionais mensuráveis, mas sinaliza a importância de desenhar avaliações e resultados centrados na participação. A leitura conjunta com Kuhaneck, Spitzer e Bodison (2020) orienta terapeutas a priorizarem indicadores que importam para a vida diária da criança e da família (*NOVAK; HONAN, 2019; KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020*).

Um eixo transversal nos estudos comparados é a ênfase na coparticipação familiar e na responsividade do adulto no contexto do brincar, apontada como mediadora central para engajamento e manutenção de ganhos. A educação parental, a definição compartilhada de metas e o treino para implementar atividades lúdicas em casa e na escola surgem de modo recorrente como fatores de sucesso, tanto em revisões focadas em ocupação de brincar quanto em investigações sobre ASI e *DIR/Floortime*. Essa convergência legitima protocolos que integram avaliação funcional, planejamento individualizado e registros frequentes de progresso (*GIBSON et al., 2021; DIVYA et al., 2023; KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020*).

Por fim, a comparação global sugere que a decisão clínica entre ASI e *DIR/Floortime* deve considerar perfil sensorial, prioridades familiares, contexto escolar e disponibilidade de recursos, sendo plausível a combinação de elementos de ambas as abordagens ao longo do processo terapêutico.

Recomenda-se explicitar dose (frequência, duração), instrumentos de medida e estratégias de generalização já no planejamento inicial, para mitigar limitações de

21

heterogeneidade apontadas nas revisões de escopo e sistemáticas. Com isso, delineia-se um caminho pragmático para intervenções lúdicas efetivas, éticas e centradas na participação (*LÓPEZ-NIETO et al., 2022; SCHOEN et al., 2019; DIVYA et al., 2023*).

A análise crítica dos achados demonstra que, embora o objetivo inicial do estudo fosse compreender o brincar como recurso terapêutico na Terapia Ocupacional com crianças com TEA, a discussão acabou enfatizando predominantemente abordagens específicas, como Integração Sensorial e *DIR/Floortime*. Essa focalização reduziu o brincar a perspectivas metodológicas delimitadas, fazendo com que o eixo central – o brincar enquanto ocupação fundamental da infância – ficasse secundarizado. Diante disso, torna-se necessário ampliar a discussão, retomando o brincar em sua dimensão mais abrangente, compreendendo-o como espaço de imaginação, interação social, simbolismo, exploração do ambiente e protagonismo da criança.

Além disso, a inclusão exclusiva de artigos em inglês evidencia uma lacuna metodológica que precisa ser explicitada. Ainda que o estudo tenha firmado, na metodologia, que incluiria produções em português, inglês e espanhol, os resultados

demonstram que, na prática, não houve diversidade linguística nas bases encontradas. Essa ausência não invalida o estudo, mas exige que o texto explicita a limitação e justifique a predominância de artigos internacionais, evidenciando que não foram localizadas pesquisas relevantes em outros idiomas dentro dos critérios estabelecidos. Esse esclarecimento fortalece a transparência metodológica e alinha o percurso investigativo ao objetivo inicialmente proposto.

Outro ponto essencial para o refinamento da discussão consiste em destacar que o brincar precisa aparecer como categoria central da análise. As abordagens estruturadas encontradas na revisão utilizam o brincar como ferramenta terapêutica, mas não o definem ou exploram em sua totalidade. Assim, faz-se necessário articular de forma mais clara como cada abordagem opera a partir do brincar – e não ao contrário –, ressaltando sua versatilidade como ocupação humana, fonte de desenvolvimento neuropsicomotor, social e emocional, e espaço privilegiado de expressão da criança com TEA.

Nesse cenário, destaca-se de maneira mais robusta o papel da Terapia Ocupacional, que atua justamente na compreensão e mediação do brincar como atividade essencial da infância. O terapeuta ocupacional lê o brincar não apenas como

22

recurso, mas como uma ocupação estruturante, capaz de revelar interesses, necessidades sensoriais, competências sociais e formas particulares de comunicação da criança. Ao intervir, o profissional ajusta o ambiente, facilita interações, promove desafios graduados e cria oportunidades significativas de engajamento lúdico que favorecem autonomia, participação e desenvolvimento funcional. Assim, ao recolocar o brincar no centro da discussão, evidencia-se o compromisso da Terapia Ocupacional com práticas baseadas na participação, no protagonismo infantil e na construção de experiências significativas.

Por fim, reforçar essa perspectiva ampliada de brincar e esclarecer as limitações metodológicas permitirá maior alinhamento entre objetivos, método e discussão, garantindo coerência interna ao trabalho. Ao articular os achados das pesquisas com o papel da Terapia Ocupacional e com a complexidade do brincar no desenvolvimento infantil, a revisão integrativa ganha consistência teórica e relevância clínica, fortalecendo sua contribuição para a área.

CONCLUSÃO

Os resultados desta revisão integrativa permitem afirmar que o brincar ocupa papel central e estratégico na Terapia Ocupacional voltada a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), tanto como meio terapêutico quanto como ocupação significativa.

Os estudos analisados, publicados entre 2018 e 2023, indicam evidências consistentes de que intervenções baseadas no brincar — especialmente as ancoradas na Ayres Sensory Integration (ASI) e no modelo DIR/Floortime — contribuem para ganhos funcionais expressivos, incluindo melhora na comunicação, interação social, autorregulação emocional e participação ocupacional (SCHOEN et al., 2019; KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020; DIVYA et al., 2023).

A análise comparativa revelou que a ASI foca na organização sensorial e nas respostas adaptativas, enquanto o DIR/Floortime prioriza ciclos comunicativos e co regulação afetiva, configurando abordagens complementares. Quando aplicadas com planejamento individualizado, metas bem definidas e fidelidade de implementação, ambas demonstram impacto positivo no desenvolvimento global das crianças (GIBSON et al., 2021; LÓPEZ-NIETO et al., 2022).

Outro achado relevante diz respeito ao papel ativo da família no processo terapêutico. A literatura mostra que a coparticipação familiar potencializa o

23

engajamento, amplia a manutenção dos ganhos e favorece a generalização para contextos naturais, como casa e escola (KUHANECK; SPITZER; BODISON, 2020; DIVYA et al., 2023).

Além disso, a viabilidade de intervenções por telessaúde, com resultados comparáveis aos presenciais, surge como alternativa promissora para ampliar o acesso, desde que sejam garantidos suporte técnico, planejamento terapêutico e monitoramento rigoroso (SU et al., 2023).

Apesar dos resultados positivos, persistem lacunas importantes: ausência de padronização de protocolos, heterogeneidade de medidas de desfecho e necessidade de estudos multicêntricos no Brasil.

Recomenda-se que futuras pesquisas detalhem doses de intervenção, explorem mediadores e moderadores clínicos e utilizem medidas centradas na participação e qualidade de vida familiar, fortalecendo assim a tomada de decisão

clínica baseada em evidências (NOVAK; HONAN, 2019; LÓPEZ-NIETO et al., 2022).

Portanto, conclui-se que o brincar, quando planejado com intencionalidade terapêutica, representa uma ferramenta eficaz, ética e humanizada na Terapia Ocupacional para crianças com TEA, contribuindo para autonomia, desenvolvimento e inclusão social — pilares fundamentais para uma prática clínica qualificada e transformadora.

REFERÊNCIAS

- CHAN, P. L. C.; et al. **Occupational therapy using an Ayres Sensory Integration® approach for school-age children**. WFOT Bulletin, 2023. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14473828.2022.2097814> COSTA, Richard Macedo. ALMEIDA, Teresa Ceaza. **Terapia Ocupacional e Autismo: A intervenção lúdica no desenvolvimento infantil**. Revista Brasileira de Terapia Ocupacional, v. 17, n. 3, p. 210-225, 2021.
- DIVYA, K. Y.; et al. **DIR/Floor Time in Engaging Autism: A Systematic Review**. *Iranian Journal of Nursing and Midwifery Research*, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37332371/> acesso em out. de 2025.
- GIBSON, J. L.; KIEVIT, R. A.; CARTWRIGHT, N.; HULME, C.; GOOCH, D. **Play-based interventions to support social and emotional development in autistic children: A systematic review**. *Frontiers in Psychology*, 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9620698/> acesso em out. de 2025.
- KUHANECK, H.; SPITZER, S. L.; BODISON, S. C. **A systematic review of interventions to improve the occupation of play in children with autism**. *OTJR: Occupation, Participation and Health*, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1539449219880531> acesso em out. de 2025.
- LÓPEZ-NIETO, L.; et al. **Scoping Review on Play-Based Interventions in Autism Spectrum Disorder**. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9497526/> acesso em set. de 2025.
- MARTINS, Lucas Costa. FERREIRA, V. Santos. **A importância do brincar na Terapia Ocupacional para crianças autistas**. Cadernos de Saúde e Desenvolvimento, v. 10, n. 4, p. 89-103, 2019.
- NOVAK, I.; HONAN, I. **Effectiveness of paediatric occupational therapy for children with disabilities: a systematic review**. *Australian Occupational Therapy Journal*, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1440-1630.12573> acesso em set. de 2025.
- OLIVEIRA, Fernando Ferreira. CARVALHO, Maria Teraza. **Brincadeiras como ferramenta terapêutica: Um estudo sobre intervenção no TEA**. Revista de Terapias Integrativas, v. 5, n. 2, p. 145-160, 2020.
- PEREIRA, Débora Malva. **Estratégias terapêuticas para crianças autistas: O uso do lúdico na prática ocupacional**. Revista Saúde e Bem-Estar, v. 14, n. 1, p. 55-68, 2019.

RODRIGUES, M. A.; MORAES, R. C. **O impacto das brincadeiras na Terapia Ocupacional para crianças com TEA.** Revista de Estudos Terapêuticos, v. 12, n. 2, p. 178-195, 2020.

SCHOEN, S. A.; LANE, S. J.; MAUDER, D.; VALK, C. **A systematic review of Ayres Sensory Integration® intervention for children with autism.** Autism Research, 2019. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6590432/> acesso em out. de 2025.

SU, W.-C.; et al. **Telehealth Versus Face-to-Face Fine Motor and Social Interventions for Children With Autism.** American Journal of Occupational Therapy, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38048263/> acesso em out. de 2025.